

TENHA PACIÊNCIA

Clark Cothern
THE HEART OF EVERY GREAT FATHER

Murle mergulhou um pouco a cabeça, manuseando o lenço branco do qual nunca se separava, enquanto respondia aos pedidos do pastor. A proposta apresentada não era de forma alguma o que um homem aposentado de 65 anos tinha em mente.

– É, eu sei que disse que ajudaria o senhor sempre que pudesse – admitiu Murle – mas...

Ele não terminou a sentença e agitava os braços em consternação, balançando o lenço de tal forma que este mais parecia uma bandeira de rendição.

– Pastor, eduquei duas meninas, que já estão bem crescidas agora. Não tenho bem certeza se saberia o que fazer com esse grupinho de garotos.

Os olhos dele tinham ar de um animal enjaulado. Obviamente, ele buscava uma maneira para escapar da jaula em que, repentinamente, se encontrava preso. O pastor Jim, no entanto, não estava a fim de deixá-lo escapar do anzol.

– Tudo o que tem a fazer – disse o pastor – é tratar esses meninos do mesmo modo que seu pai o tratava quando o levava para pescar. Vamos, Murle! O que me diz?

– Não há lugar em meu barco para tantas pessoas – disse Murle, enquanto limpava a testa, jogando uma última desculpa como isca, na esperança de que o pastor a morderia.

Sem chance!

– Leve dois de cada vez – disse Jim, sem hesitar.

– Macacos me mordam! O senhor já pensou em tudo, não é mesmo? – gargalhou Murle, embora essa não fosse bem a resposta que gostaria de escutar.

– Bem, você fará isto?

– Pode mandar, pastor. Acho que sim, pelo bem que poderá resultar.

E, imediatamente, rematou:

– Todos, menos aquele guri, o Sammy.

Murle estava certo de que o pastor entenderia a objeção que fazia a respeito daquele menino.

Jim sorriu, uma demonstração de que compreendia. Ele conhecia o Sammy.

– Você começa a levá-los, dois de cada vez, e nós oraremos pelo Sammy – disse o homem mais moço ali, com um piscar de olhos.

Murle cumpriu sua promessa. Ele começou a levar os meninos para passear, dois de cada vez. A maioria desses pequenos pescadores não tinha muita influência do pai em casa. Mude proporcionava um toque de dignidade na vida desses garotos.

Seis semanas depois, Murle começou a ocupar os sábados com peixes e garotos. Quando compareceu ao escritório pastoral, limpou nervosamente as gotículas de suor da testa, enquanto falava com o pastor:

– Ele veio correndo depois do culto esta manhã.

– Quem, Murle? – perguntou Jim, que observava o lenço tocar levemente a cabeça lustrosa do velho senhor.

– Aquele guri, o Sammy! Ele me fez um pedido: "Já que todos os outros garotos tiveram uma oportunidade, será que eu também não poderia ter uma chance?".

E, mais uma vez, erguia o lenço.

O pastor Jim levantou a sobrancelha e sorriu.

– Ah! As pescarias! E Sammy também quer ir a uma delas?

Hum... Bem, o que você acha da ideia?

E ele abaixou o lenço e, amassando-o, formou uma bola com ele. Mude balançou a cabeça.

– Sei não, pastor! O senhor conhece a peça rara. Ele sozinho já dá bastante trabalho. Aposto que consegue afundar dois barcos!

– Ore sobre o assunto e, a seguir, faça o que achar melhor, Murle – disse Jim com um sorriso, enquanto dava dois tapinhas calorosos no ombro do amigo.

Murle virou-se para sair.

– Pastor – chamou Murle, guardando o lenço no bolso de trás.

– H-á? – disse Jim, e parou à porta.

– Tudo bem, tudo bem... eu vou levar o guri, mas sozinho.

Com ele no barco, um já é demais!

– Muito bem, Murle! É isso aí.

Domingo de manhã, quando Jim escutou os pneus de algum veículo cantando lá fora, ficou de repente aprumado na cadeira de seu escritório pastoral.

Largou as notas do sermão que estava preparando e, enquanto seguia em direção ao estacionamento, Murle entrou bufando e ralhando pela porta que ficava no fim do longo corredor. Durante todo o trajeto, ele não parou de dizer:

– Ele fez aquilo! Ele fez aquilo!

– Quem fez o que, Murle? – perguntou Jim, que sabia que o amigo estava muito nervoso, pois saíra tão rapidamente do caminhão que até esquecera o lenço.

– O guri, o Sammy. Ele fez aquilo. Não dá para acreditar.

O velho homem estava caminhando de lá para cá, esfregando nervosamente as mãos, para cima e para baixo, nos jeans.

– Mude, respire fundo e acalme-se. O que foi que ele fez? Você ainda nem saiu do estacionamento.

– Eu sei, eu sei! O pequeno bólido desembuchou e me perguntou: Gomo um garoto é salvo? Você sabe, não é? Como ganhar a vida eterna.

– E o que você disse? – perguntou Jim.

– Bem, disse que tínhamos de dizer para Jesus que somos pecadores e que não servimos para nada. Depois, temos de pedir perdão pelos nossos pecados e pedir que Jesus entre em nossa vida e seja nosso Chefe.

– Muito bem, Mude. Você falou a verdade. Mas ainda não entendo por que você freou daquela maneira?

– Bem, o bólido caiu de joelhos no assoalho do caminhão e começou a confessar todas as coisas ruins que já fez, todas as que ele se lembra. Ele ainda está lá! – disse Murle, enquanto balançava a mão vagamente na direção do estacionamento.

O pastor Jim riu e acompanhou Murle até o estacionamento, onde, juntos, ajoelharam-se com o pequeno Sammy e agradeceram a Deus por ele ter encontrado uma família. Aquele guri que não tivera muita influência paterna em sua vida tornou-se um filho de nosso Pai. E isso só aconteceu porque Murle doou seu tempo, uma dádiva que lhe custou algum sacrifício, a um guri.

O pequeno Sammy cresceu e se tornou um jornalista especializado em esportes em um destacado jornal da Flórida. Sammy escreveu uma coluna especial para o jornal no Dia dos Pais.

Era um tributo a um homem chamado Murle,

Posteriormente, depois de muitas pescarias, Murle partiu para a eternidade. No culto em sua memória, Sammy, agora casado e já com dois filhos, levantou-se, atrás do púlpito, para ler um tributo a seu amigo.

Esse foi o artigo que ele escreveu alguns anos atrás para celebrar o Dia dos Pais. O título? Mude a vida de um garoto. Leve-o para pescar

A vida de Murle demonstra que a paciência tem suas recompensas.

A essência da fé é deixar Deus ser Deus.
Jon Sobrino